



A IMPORTÂNCIA DO USO DO ESPAÇO NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Aline Éllen Ferreira da Silva¹

RESUMO

A importância de diferentes experiências na prática corporal possibilita o desenvolvimento da autonomia do sujeito, além de proporcionar ao sujeito o reconhecimento das limitações corporais, compreensão dos próprios deslocamentos, desenvolvendo representações mentais do espaço. Assim o presente artigo tratará especificamente da temática “Uso do Espaço” com o objetivo de esclarecer a potencialização da utilização dos espaços disponíveis para atividades.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Aprendizagem. práticas.

ABSTRACT

The importance of different experiences in body practice allows the development of the subject's autonomy, besides providing the subject with the recognition of body limitations, understanding of the displacements themselves, and developing mental representations of space. Thus the present article will deal specifically with the theme "Space Use" with the purpose of clarifying the potential of the use of available space for activities. **KEYWORDS:** Space, Learning, practices.

INTRODUÇÃO

Com base nos Parâmetros Curriculares de Educação Física, na qual, explicita a realidade das escolas públicas brasileiras na utilização dos espaços acessíveis, estes que não representam adequação e qualidade para práticas de ensino e aprendizagem, porém deve-se fazer uso do espaço de forma criativa, expondo todas as naturezas das atividades corporais, sejam elas em plano motor, organização do espaço e tempo, entre outros.

Levando isso em consideração, o presente artigo aborda a importância do uso do espaço, assim como a exposição de conceitos também atividades dentro dessa perspectiva.

Desta forma a pesquisa foi elaborada unicamente com base em fontes bibliográficas e organizadas na exposição dos principais elementos do uso do espaço e por fim, jogos seguindo a temática.

1. A percepção do espaço e sua importância para o desenvolvimento da criança

Podemos definir a percepção do espaço como sendo a interpretação dos estímulos mentais que requer o desenvolvimento e compreensão das sensações de distâncias que ocorrem entre os objetos e podem ser efetivamente estimadas. Essas percepções englobam

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Alagoas - UFAL



desde tamanho, peso e tempo. São várias as formas de percepção de diferentes pessoas no momento de perceber e compreender o espaço, assim, desencadeando diversas formas de valores.

Dessa forma, a percepção de um espaço ou objeto do ser humano é uma ação interpretativa que necessita das representações mentais para concretizá-las, como esclarecido anteriormente. Em outras palavras, para situar-se no espaço é necessário um pensamento – representações mentais – acerca do objeto e as capacidades mais atribuídas ao pensamento, que atuam diretamente na percepção elementar, são: a diferenciação, a comparação e a classificação.

Em suma, uma fixação eficiente e visual das formas possibilita ao indivíduo o domínio, ao menos implícito, da sua base de orientação e situação do espaço que permite a autonomia e conhecimento do seu limite corporal e do próximo.

2. Percepção de espaço e representação do espaço

Segundo Le Boulch a criança já tem uma vivência espacial aos três anos de idade. A exploração do espaço desde o momento em que a criança fixa o olhar em um objeto, depois tenta agarrá-lo. O acesso à posição vertical, a partir da posição sentada, permite ter uma visão global de um espaço limitado ou não, no qual descobre os objetos. A locomoção lhe permite dirigir-se aos locais e aos objetos que ela deseja e que foram descobertos visualmente.

A percepção dos elementos do espaço que permite o conhecimento de certa geometria topológica (com o corpo, com objetos, com o corpo do outro), é anterior à percepção de seu próprio corpo e necessita do jogo da função de interiorização.



Ela percebe as tomadas de posições e associa seu corpo aos objetos da vida cotidiana. Chega à representação mental dos elementos do espaço e isto é possível graças à primeira fase de descoberta e experiências vividas pela criança. Descobre sua dominância e com ela seu eixo corporal. Passa a ver seu corpo como um ponto de referência para se situar e situar os objetos em seu espaço e tempo. Este é o primeiro passo para que a criança possa, mais tarde, chegar à estruturação espaço-temporal.

Ela tem acesso a um espaço orientado a partir de seu próprio corpo. Chega, pois, à representação dos elementos de espaço, descobrindo formas e dimensões. Neste momento assimila conceitos como embaixo, acima, direita, esquerda. Adquirem também noções temporais como a duração dos intervalos de tempo, de ordem e sucessão, o que vem antes, depois, primeiro e último. No final desta fase, Le Boulch diz que os níveis de comportamento motor, bem como o intelectual podem ser caracterizados como pré-operatórios, porque estão submetidos à percepção num espaço em parte representado, mas ainda centralizado sobre o próprio corpo.

É através do espaço e das relações espaciais que nos situamos no meio em que vivemos em que estabelecemos relações entre as coisas, em que fazemos observações, comparando-as, combinando-as, vendo as semelhanças e diferenças entre elas. Sem esta estruturação, nós nos perdemos ou distorcemos muitas dessas relações e nosso comportamento sofre por receber informações Inadequadas.

A verbalização permite designar os objetos e as partes dos objetos que constituem um tempo essencial na organização da vivência do espaço. Ela que auxiliará na designação dos objetos constitui um fator muito importante para a organização da vivência do espaço e, também, para um melhor conhecimento das diferentes partes do corpo e de suas posições. Todo objeto, desde o momento em que ele é nomeado, faz o papel de organizador do espaço próximo circundante, permitindo construir o espaço que o rodeia. A estruturação corporal necessita de um esquema corporal e de uma lateralidade bem desenvolvida, pois o corpo da criança é seu primeiro ponto de referência no espaço.



Para o desenvolvimento da percepção e representação do espaço são imprescindíveis as noções de propriedades e qualidades dos objetos:

SITUAÇÕES:	<i>Dentro – fora – no alto – abaixo – longe – perto</i>
TAMANHO:	<i>Grosso – fino – grande – médio – pequeno – largo</i>
POSIÇÃO:	<i>Em pé – deitado – sentado – abaixado – ajoelhado – inclinado</i>
MOVIMENTO:	<i>Levantar – abaixar – empurrar – puxar – dobrar – girar</i>
FORMA:	<i>Círculo – quadrado – triângulo – retângulo – trapézio</i>
QUALIDADES:	<i>Cheio – vazio – pouco – muito – inteiro – metade</i>
SUPERFÍCIE:	<i>Plano – inclinado – esburacado – áspero – liso</i>

Fonte: A autora

Portanto, uma pessoa com percepção e representação do espaço bem desenvolvida, pode se orientar por referências externas a si, sendo elaborada por uma construção mental que se opera através de seus movimentos em relação aos objetos que estão em seu meio.

2.1 Ajustamento ao Espaço

A função de interiorização permite também a passagem do ajustamento espontâneo, citado na primeira fase, a um ajustamento controlado que, por sua vez, propicia um maior domínio do corpo, culminando em uma maior dissociação dos movimentos voluntários. A criança com isto passa a aperfeiçoar e refinar seus movimentos adquirindo uma maior coordenação dentro de um espaço e tempo determinado.

Um bebê sente o meio ambiente como fazendo parte dele mesmo. Não tem a consciência do “eu” e se confunde com o espaço em que vive. À medida que cresce, com um maior amadurecimento de seu sistema nervoso, vai ampliando suas



experiências e passa, pouco a pouco, a diferenciar de seu meio ambiente. De início, portanto, a criança passa pela fase de vivência corporal. Ela corre, brinca, trabalha seu corpo, passa pela atividade espontânea (dos brinquedos) para uma atividade integrada.

Segundo Le Boulch as crianças mais jovens ou menos formadas que não tem ainda a possibilidades de resolver simultaneamente o problema do espaço e o da coordenação, poderão ser confrontadas com situações onde o problema espacial aparece de forma única.

A criança gradativamente reconhece partes de seu corpo, sentindo interiormente cada segmento e vendo sua imagem se espelhar em outra criança e/ ou identificar o todo numa representação gráfica. Esta etapa, portanto, é dominada pela experiência vivida pela criança, pela exploração do meio, por sua atividade investigadora e incessante. Ela precisa ter suas próprias experiências, pois é pela exploração que se ajusta, domina, descobre e compreende o meio. Este ajuste significa que a criança, mesmo sem a interferência da reflexão, adéqua suas ações às situações novas, isto é, desenvolve uma das funções mais importantes que é a “função de ajustamento”. Verifica-se uma verdadeira memória do corpo que é responsável pela eficácia dos ajustamentos posteriores.

2.2 Organização do espaço de ação dentro de um grupo

Todas as situações propostas através do espaço permitem a criança descobrir-se em relação a certos objetos, a certos limites estáveis. Agora, o problema reside em poder situar-se em relação aos elementos móveis que representam as outras crianças do grupo.

Quando as crianças se deslocam em grupo, é natural que se aproximem entre elas, experimentando das situações apertadas ou folgadas, a área não está delimitada. Está experiência do contado com o meio consciente pelo qual a criança pode compreender a significação desses dois conceitos. Através do agrupamento e da dispersão pode permitir que a criança dependendo das ordens, integra-se a um grupo mais ou menos numeroso ou, ao contrário, liberar-se do grupo. Esse exercício pode se explorado durante as rodas.



A organização do espaço de ação dentro de um grupo é importante, pois auxilia na adaptação do indivíduo ao ambiente físico e social, na medida em que o corpo ocupa um lugar nesse espaço. As ações das crianças no meio ambiente são realizadas tendo seu eixo corporal como referência fundamental e se realizam organizando o meio em relação ao seu corpo. Nessa organização, a consciência, a memória (afetiva), e as experiências vivenciadas pela criança ao longo de sua vida ocupam um lugar de destaque.

3. A geometria topológica á geometria euclidiana

O primeiro espaço que a criança vivencia é “postural e orgânico” (PACHECO; DE VASCONCELOS, 2010, p.4), ou seja, o corpo é o seu movimento. Somente depois é que ela vai diferenciar outros corpos, diferentes do seu, e estabelecer relação de longe/perto, maior/menor, na frente/atrás, igual/diferente etc.

A geometria topológica acontece na pré-escola onde a criança construirá a percepção do espaço que lhe permitira ter o conhecimento de suas relações de vizinhança (perto ou longe do observador, objetos perto ou longe uns dos outros), separação (distinguir elementos uns dos outros e partes do todo), envolvimento (perceber, numa sequência linear ou cíclica, um elemento entre outros, e saber reproduzir esta sequência, bem como perceber as relações de “dentro” e “fora” para figuras planas e formas tridimensionais), continuidade (perceber que uma linha ou superfície é ou não interrompida) e ordem, a qual se divide em duas partes: a ordem perceptiva e a ordem representativa.

A geometria euclidiana apesar de não se importar com medidas até os nove anos de idade, a criança, já antes, vive envolvida com elas, pois sabe comparar sua altura com a dos colegas, tem consciência de que não alcança um objeto que está num nível bem mais alto que ela etc. Esta construção informal do conceito de medida gera a compreensão da ideia de distância, da qual surgem, por sua vez, as relações euclidianas.

Em uma análise de Piaget a geometria topológica é percebido quando as crianças têm em torno de 2 anos, e serve de base para a construção da geometria euclidiana, e que formam-se no indivíduo até a idade de 7-8 anos, em média.

4. Orientação de espaço: qual o objetivo da creche nesse processo?



O objetivo, na escola maternal, é permitir o acesso da criança a um espaço egocêntrico, isto é, um espaço no qual o corpo da criança seja o elemento de referência. Em outros termos, o mundo é organizado em torno do corpo da criança à medida que, através do trabalho de percepção do corpo próprio associado à verbalização, ela tem acesso aos três eixos do corpo: adiante- atrás; acima – abaixo; direita- esquerda. (LE BOULCH, 1986, p. 202).

As crianças devem ir consolidando as relações espaciais simples a partir de objetos e durante os deslocamentos. Le Boulch (1986, p. 202-204) os classifica da seguinte forma:

- Conceitos a precisar relativos às posições: ao lado, perto de, em cima- em baixo, dentro-fora, no interior – no exterior, ao redor, entre;
- Conceitos introduzindo noções de dimensões: pequeno – grande, mais comprido – mais curto, estreito – largo, perto – longe, mais perto – mais longe.

5. Como preparar o espaço: algumas propostas de atividades para o desenvolvimento.

1. **Jogo Twister** – consiste em girar a roleta e colocar o pé e mãos nos círculos indicados, mas no nosso jogo além de colocar a mãozinha e o pé nos locais indicados, a criança precisará ler a palavra que está escrita nela. Para isso selecione algumas palavras simples, cole nos círculos e comece a brincadeira.

2. Cantigas de Roda

3. **Obstáculos** – Colocar obstáculos ao acaso na sala, onde as crianças devem evitá-los, desviando os mesmos.

4. **Bambolês** – As crianças devem deslocar-se colocando o pé sucessivamente nos círculos, espalhados aleatoriamente.

5. **Dança da Cadeira** – Faz-se uma roda de cadeiras e outra de pessoas. Sendo que o número de cadeiras deve ser sempre um a menos. Toca-se uma música animada. Quando a música parar, todos devem sentar em alguma cadeira. Quem não conseguir sentar, é eliminado e tira-se mais uma cadeira. Ganha quem sentar na última cadeira.



6. **Rouba bandeira** – Assim que forem separadas as equipes deverão se empenhar em atravessar o território do time oponente, com cuidado, para tentar pegar a bandeira que está lá, protegida e sair do espaço sem ser pego pelas pessoas dessa equipe, caso aconteça, cabe aos membros da equipe se organizar para resgatá-lo. Tudo isso sem deixar que a bandeira da própria equipe seja roubada.

8. **Corda** -- Labirinto no chão: andar em cima da corda, correr sem pisar na corda, saltar em ziguezague, saltar num pé só, pular com os pés unidos. **Não respondeu, vira estatua** -- Cada aluno deve escolher o nome de um animal, flor ou fruta, comunicando-o, em segredo, ao professor. O professor, posicionando diante dos alunos, chamara um dentre os diversos nomes de animais que lhe foram informados. O aluno, cujo animal tiver sido chamado, deverá dar três passos à frente e dizer o seu nome. Caso o aluno demore a sair do lugar ou se disser o nome do animal, flor ou fruta em vez do seu nome deverá ficar em posição de estatueta. Permanecerá nesta posição até que um companheiro, que não conseguiu responder adequadamente, tome o seu lugar. A brincadeira termina quando todos os alunos forem chamados, ou quando não mais se mostrarem interessados pela brincadeira.

9. **Corrida com um ovo na colher**

10. **Circuito** -- A modificação do espaço com brincadeiras como os circuitos, permitem a construção gradativa de conceitos, dentro de um ambiente significativo para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítido que as escolas constroem o conhecimento com pouca participação corporal em suas atividades, em outras palavras, o ensino passa a ser algo mecanizado e padronizado onde as crianças aprendem a obedecer e organizar-se em filas, em ficar quietas e não correr. Há, portanto uma separação de corpo e mente.

Entendemos que o conhecimento deve ser construído por completo, uma vez que o corpo e a mente trabalham em conjuntura. Assim, a construção do conhecimento deve ir além, pois movimentos corporais necessitam de um pensamento, ou seja, uma representação mental levando em consideração que nossa comunicação verbal só começara depois da fala.



Portanto a comunicação nesse período é totalmente corporal e por isso a importância do lúdico, dos jogos e brincadeiras, as expressões corporais. Desta forma, junto com o acompanhamento desse processo de evolução das crianças é necessária a percepção de expressão, ou seja, permitir que essas crianças se expressem.

REFERÊNCIAS

LE BOULCH, J. **O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até os 6 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

MONTOITO, Rafael; LEIVAS, José Carlos Pinto. **A representação do espaço na criança, segundo Piaget: os processos mentais que a conduzem à formação da noção do espaço euclidiano.** VIDYA, v. 32, n. 2, p.21-35, jul./dez., 2012 - Santa Maria, 2012. ISSN 0104-270 X. Disponível em: < <http://sites.unifra.br/Portals/35/2012/02.pdf> > Acessado em: 04 de maio de 2016.

SISTEMA EMPRESARIAL CEZAR. **Psicomotricidade/Brinquedos e Jogos Pedagógicos: Formando Empresas e Pessoas de Sucesso / CURSO DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL/**, Minas Gerais. 2010.

PACHECO, E. D.; DE VASCONCELOS, P. A. C. Crise: espaço e representação. **Bocc**, ISSN: 1646-3137. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vasconcelos-paulo-crise-espaco.pdf> >. Acesso em: 03 mar. 2016.

VITA, Sandra Regina Moreira da Silva. A percepção do espaço. **A percepção visual do espaço arquitetônico e sua representação no espaço televisivo: o caso do castelo rá-tim-bum**, São Paulo, p.18. 2009.